

DEAF GAIN E A EDUCAÇÃO VISUAL EM UMA AULA DE FILOSOFIA PARA SURDOS: EXPERIÊNCIAS E PERSPECTIVAS A PARTIR DO CURTA ANIMADO FAZENDEIRO

*Deaf gain and visual education in a Philosophy class for deaf people: experiences
and perspectives from the animated short film Fazendeiro*



Rejane Lopes Rodrigues¹
(INES)



Priscila Silva Araújo²
(INES)



¹Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
rlopes@ines.gov.br

²Instituto Nacional de Educação de Surdos - INES, Rio de Janeiro, RJ, Brasil;
psilva@ines.gov.br

Resumo

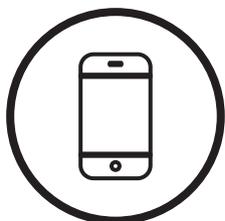
Este relato de experiência parte da ideia de *deaf gain*, desenvolvida pelos Estudos Surdos, para pensar em estratégias de educação visual no ambiente escolar. A partir da reformulação da surdez enquanto forma de diversidade sensorial e cognitiva, buscamos refletir de que forma a educação escolar de pessoas surdas pode ser potencializada através do uso das imagens em movimento. Afinal, sabemos que a “competência para ver” não é algo inato e pode ser aperfeiçoada através do uso das tecnologias visuais. Para tanto, utilizamos a exibição do curta de animação *Fazendeiro*, do diretor espanhol Albert Mielgo, em uma aula de Filosofia do 1º ano do Ensino Médio do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos - CAP/INES, para proporcionar uma vivência pedagógica centrada na linguagem cinematográfica e que também servisse de ponto de partida para a discussão de temas de grande relevância em nossa sociedade.

Palavras chave: *Deaf gain*; Surdez; Educação visual; Cinema; Filosofia.

Abstract

This experience report starts from the idea of deaf gain, developed by Deaf Studies, to think about visual education strategies in the school environment. From the reformulation of deafness as a form of sensory and cognitive diversity, we reflect on how the school education of deaf people can be enhanced through the use of moving images. After all, we know that the “competence to see” is not something innate and can be improved through the use of visual technologies. To do so, we used the exhibition of the animated short film *Farmer*, by the Spanish director Albert Mielgo, in a Philosophy class of the 1st year of High School at the Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos - CAP/INES, to provide a pedagogical experience centered on in cinematographic language and which also serves as a starting point for the discussion of topics of great relevance in our society.

Keywords: Deaf gain; Deafness; Visual education; Cinema; Philosophy.



LEIA EM LIBRAS ACESSANDO O
QR CODE AO LADO OU O LINK:

<https://youtu.be/hDzirWYx0A4?si=zvHjLX1t6KZdg4XN>



Introdução

O surgimento e a institucionalização dos Estudos Culturais enquanto área de conhecimento e pesquisa acontece em 1964 com a fundação do *The Centre for Contemporary Cultural Studies*, na Universidade de Birmingham, na Inglaterra. Este programa de pós-graduação inaugura um campo de investigação multidisciplinar que promove a intersecção entre diversas disciplinas e a quebra de paradigmas na forma de conceber a cultura e a sociedade.

Os Estudos Culturais repensaram as práticas e resistências dos indivíduos dentro de “subculturas”, não identificando a cultura como única e majoritária. Uma subcultura seria um grupo diferenciado em que os seus membros possuem a mesma identidade definida por base em fatores de idade, etnia, gênero, entre outras características. E dentro dos Estudos Culturais podemos identificar os Estudos Surdos, área de conhecimento que será abordada neste trabalho.

De acordo com Bauman e Murray (2010), os Estudos Surdos desenvolveram-se inicialmente a partir da ideia de “surdez como falta” ou “deficiência”. No entanto, a partir

da década de 1970, a comunidade surda começou a se ver como pertencente a uma minoria linguística ao invés de um grupo de pessoas ligadas pela incapacidade. Houve, com isso, uma mudança de perspectiva significativa nesta área de pesquisa: a identidade criada a partir da ideia de falta de audição deu lugar à ideia de que as pessoas surdas devem ser definidas por suas formas linguísticas, culturais e sensoriais de ser no mundo. Uma reformulação fundamental dos significados de “surdo”, da “perda” para “ganho”. É por isso que hoje os autores desta área de conhecimento afirmam que:

Os Estudos Surdos estão investigando as percepções que podem ser colhidas de pessoas surdas cujas estruturas cinéticas, espaciais e altamente visuais do pensamento e da linguagem podem lançar luz sobre os pontos cegos dos modos de audição de saber. (Bauman; Murray, 2010, p. 77).

Desta forma, passada a fase de reconhecimento da existência de uma cultura surda, os Estudos Surdos começaram a investigar os aspectos que permeiam a vida dos surdos, que fazem parte da sua história e que contribuem para o desenvolvimento da sua identidade, bem como as contribuições do modo de ser surdo para a humanidade. Esse reenquadramento da surdez como uma forma de diversidade e não como uma “falta” vai ser chamado de *deaf gain*³. O *deaf gain* é uma afirmação da surdez enquanto forma de diversidade sensorial e cognitiva, importante para pensarmos a educação de surdos a partir de outras perspectivas.

1 Reflexões sobre a educação de pessoas surdas a partir do termo *deaf gain*

O termo *deaf gain* foi utilizado pela primeira vez por Bauman e Murray (2009) na obra *Reframing: From hearing loss to deaf gain* e designa as habilidades que as pessoas surdas possuem em decorrência da sua surdez. Se no passado as práticas pensadas para os surdos eram de normalização audista⁴ e a luta das comunidades surdas focavam nas críticas às instituições médicas e educacionais de normalização⁵, a partir do século XXI emergiu uma nova frente teórica que valoriza as aptidões sensoriais e cognitivas desenvolvidas a partir da experiência da surdez. Essas ideias expressam noção oposta à deficiência auditiva e valorizam a luta pelo direito à diferença.

De acordo com o filósofo Jacques Derrida, em sua obra *Gramatologia* (1973), vivemos em uma cultura fonocêntrica, onde o pensamento é centrado na fala e, conseqüentemente, na escrita fonética. A sua crítica ao fonocentrismo – e a própria criação do termo – faz parte da crítica à ideia de que a supremacia da fala na linguagem é um atributo humano natural. Segundo Bubniak (2016, p. 29):

³ Deaf gain é uma expressão em língua inglesa que podemos traduzir por “ganho surdo”.

⁴ O termo “ ” refere-se à noção de superioridade do ouvinte em relação ao surdo ou da dominação ou opressão do surdo por aquele que ouve. (Bubniak, 2016)

⁵ Michel Foucault (1926-1984) foi o pensador que teceu importantes teorias acerca das relações de conhecimento, poder e normalização dos corpos. Em muitas obras como, por exemplo, *Vigiar e punir*, *Microfísica do poder* e *História da sexualidade*, o autor chama a atenção para a existência dos poderes de normalização presentes nas instituições médicas e escolares (Portocarrero, 2004). O conceito de “normalidade” surge no século XIX a partir do cientificismo, transformando os corpos desviantes em corpos “anormais”. Desta forma, houve por muito tempo a utilização dos conceitos desenvolvidos por Foucault para questionar a educação de sujeitos surdos que priorizava a oralização

O século XIX viu a Filosofia abraçar um conceito de linguagem e conhecimento que era exclusivamente baseado na fala. O fonocentrismo se institucionaliza, também, nos discursos médicos e educacionais destinados a normalizar as pessoas surdas. Para H-Dirksen Bauman, professor da Gallaudet University, nada exemplifica melhor a violência do fonocentrismo do que as instituições a que as crianças surdas eram submetidas com o propósito da oralização.

Desta forma, a ideia de *deaf gain* contribui para as discussões sobre as práticas contemporâneas da educação de surdos. Há, com isso, um reenquadramento das representações da surdez, não como falta sensorial, mas como uma forma de diversidade sensorial e cognitiva capaz de trazer contribuições para a sociedade.

Partimos do princípio de que há uma epistemologia surda. A maneira de experienciar o mundo pelos sujeitos surdos se dá em grande parte pela visão, já que a própria língua de sinais é uma língua viso-espacial. Desta forma, dada a imensa quantidade de informações processadas visualmente, não é de se estranhar que a aprendizagem pode ser melhorada quando a pedagogia se concentra em transmitir a informação visual. É por isso que o nosso trabalho dará ênfase às aptidões dos sujeitos surdos para as artes visuais e para a necessidade de potencializar o seu *deaf gain* nesta área.

A pedagogia tradicional afirma que o processo de letramento é essencial para o nosso desenvolvimento cognitivo e, por isso, precisa ser estimulado na educação. Sem deixar de lado a importância do uso competente da leitura e escrita nas práticas sociais para pessoas surdas, podemos também chamar a atenção para o uso de linguagens não escritas como estratégia para o desenvolvimento de conhecimento e pensamento crítico em escolas para ou com presença de pessoas surdas. As discussões sobre o que seria uma boa educação para este público estão acontecendo em conjunto com o surgimento e desenvolvimento de tecnologias de vídeo que permitem uma maior facilidade de produção de saber acadêmico em língua de sinais. Desta forma, acreditamos que o significado do discurso acadêmico para surdos pode ser mais proeminente se as dimensões visuais, espaciais e cinéticas da linguagem forem exploradas para o seu maior poder retórico.

Davis (2013), por exemplo, acredita que um projeto que pense além da “adaptação” do ensino para surdos, mas que leve em conta esta orientação visual, pode beneficiar tanto surdos quanto ouvintes.

2 O papel da escola na educação visual dos sujeitos surdos

Podemos afirmar que as funções cognitivas de uma criança se desenvolvem a partir da sua interação com o outro, bem como com a sua progressiva inserção nas práticas sociais do meio cultural em que vive. O desenvolvimento das novas tecnologias, por exemplo, mostra o quanto é necessário considerar que as mudanças no espaço da cultura transformam a experiência dos sujeitos, também interferindo nos seus modos de produzir cultura. A comunicação que se dá através de imagens tem ganhado cada vez mais espaço na formação das pessoas. Em nossa sociedade atual, as crianças convivem com múltiplas telas desde a mais tenra idade, muito antes de aprender a ler e escrever. Segundo Fernandes (2010, p. 50):

As funções culturais com que as crianças criam e inventam suas histórias inscrevem-se na história social dos homens. (...) As crianças já nascem em um contexto de leitura de práticas diversas e entremeadas do qual a imagem audiovisual faz parte. Isso permite que vejam de “outra forma” e tenham outros parâmetros para as suas narrativas, agora mais ancorado na visualidade.

Essas novas tecnologias ajudam a construir novas sensibilidades e tal realidade não pode ser desprezada quando refletimos sobre a educação escolar que buscamos para as próximas gerações.

Bergala (2008) desenvolve uma importante reflexão sobre o papel do cinema nas escolas. Segundo o autor, os filmes devem ser experimentados como vivência cultural escolar, como algo que transforma o sujeito, e não como suporte pedagógico de disciplinas e conteúdos específicos. Ele propõe uma forma de inserção do cinema na escola que redimensiona os dois campos - o cinema e a escola - atribuindo-lhes uma importância formadora para além das disciplinas escolares racionalmente organizadas nas várias seções de conhecimento, e para além da mera função de entretenimento com que a escola tradicionalmente tratou o cinema.

Podemos ainda afirmar que as narrativas audiovisuais não devem ser encaradas como uma complementação da mensagem escrita, do texto como é tradicionalmente entendido, mas são um outro texto que está tendo uma presença forte na educação e no cotidiano das crianças e também dos jovens. Obter conhecimento através de imagens em movimento é, hoje, uma prática social tão importante quanto a leitura de obras literárias, filosóficas ou científicas. E quando pensamos na formação de pessoas surdas, a importância desse meio de comunicação torna-se ainda mais relevante.

Em virtude de não escutarem, os sujeitos surdos substituem a audição pela visão como elemento constituidor da sua diferença: a experiência sensorial do mundo acontece em maior parte através da visão. No entanto, essa “competência para ver” não é algo inato, nem mesmo para uma pessoa surda: é preciso certa disposição, valorizada socialmente, para compreender, analisar e produzir qualquer informação difundida através da linguagem cinematográfica. Desta forma, faz-se necessário valorizar uma educação surda que se aproprie das tecnologias visuais para potencializar tal experiência do olhar.

3 Explorando a narrativa cinematográfica em uma aula de Filosofia

O curta de animação *Fazendeiro*, criado pelo espanhol Albert Mielgo com o título original *Jibaro* (uma palavra porto-riquenha que se refere a agricultores autossustentáveis), estreou em 2022, na terceira temporada da série *Love, death and robots*, produzida pela Netflix. Os episódios da série são independentes, não havendo necessidade de acompanhar todas as temporadas ou episódios de modo sequencial. A sinopse apresentada é a seguinte: “Um cavaleiro surdo e uma sereia mitológica se envolvem em uma dança mortal, repleta de sangue, morte e riqueza”. No entanto, ao analisarmos a narrativa com um pouco mais de profundidade, podemos perceber que a história possui diversos elementos que podem ser explorados e desenvolvidos a partir de uma perspectiva pedagógica muito interessante.

Em primeiro lugar, gostaríamos de retomar uma ideia que foi apresentada na segunda seção deste trabalho: acreditamos que a experiência do cinema deve ser encarada na escola como tendo uma finalidade em si mesma e não como suporte para ilustrar um conhecimento “ensinado” em sala de aula ou em um texto escrito. A experiência de exibição e discussão do curta *Fazendeiro* em algumas turmas do 1º ano do Ensino Médio do CAP/INES⁶ iniciou-se a partir de uma aula de Consciência Mítica, na disciplina Filosofia, com o pretexto de apresentar a figura mitológica da sereia, mas não terminou neste ponto, muito pelo contrário: o filme não só apresenta como protagonista um personagem surdo e sua limitação auditiva – que, na realidade, apresenta-se como uma grande vantagem no contexto da história – como também possui temas transversais muito pertinentes de serem trazidos para discussão em uma sala de aula como, por exemplo: 1) Visualidade e linguagem cinematográfica; 2) Relações entre cultura, religião e mito; 3) Relação do ser humano com o meio ambiente; e 4) Violência contra as mulheres.

O filme não possui diálogos ou narração, apenas som ambiente. A narrativa é apresentada através de imagens exuberantes, utilizando os recursos da linguagem cinematográfica para contar a história de forma dinâmica e emocionante. Trata-se de uma animação, mas a estética hiper-realista da fotografia não deixa essa característica tão evidente. Como personagens principais temos o cavaleiro surdo e a sereia. Apesar do nosso conhecimento sobre as sereias proceder principalmente do conto *A pequena sereia*, escrito em 1837 por Hans Christian Andersen, e de suas adaptações para o cinema pela Disney, este mito está presente em muitas culturas diferentes. A partir de uma rápida busca em sites na internet, podemos definir a figura mitológica da sereia da seguinte forma:

Sereia é uma figura da mitologia, presente em lendas que serviram para personificar aspectos do mar ou os perigos que ele representa. Quase todos os povos que dependiam do mar para se alimentar ou sobreviver, tinham alguma representação feminina que enfeitiça os homens até se afogarem. O mito das criaturas híbridas, representadas na mitologia grega, como um ser que continha o corpo de um pássaro e a delicadeza de uma mulher. Ao longo do tempo, transfiguram-se na Idade Média em mulheres metade peixe. (Wikipedia, 2017).

Importante ressaltar que a sereia, apesar de ser representada pela figura de uma bela mulher, é um monstro mitológico que seduz os homens com o seu canto e os leva para a morte. A sereia do filme é um pouco diferente do que estamos acostumados a ver porque é representada por uma figura feminina com pernas e possui referências estéticas de culturas como Índia, Norte da África e Europa Oriental. A ideia, segundo o diretor (Paleari, 2014), foi criar um ser mitológico repleto de joias e que quase não fosse possível ver a mulher por detrás disso.

⁶ O CAP/INES é o Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos.



Figura 1: Print de tela do filme *Fazendeiro* – Sereia em sua dança mortal



Figura 2: Print de tela do filme *Fazendeiro* – Sereia observando o cavaleiro surdo

O filme tem duração de 17 minutos e começa com uma comitiva de homens, cavaleiros e clérigos, chegando a um local de natureza exuberante: logo de início vemos a floresta e logo depois um lago. A estética do grupo faz referência às indumentárias medievais, lembrando os colonizadores europeus que exploravam terras longínquas em busca de riquezas. O cavaleiro surdo aparece logo no início e podemos identificá-lo através de um primeiríssimo plano da sua orelha, onde aparece uma tatuagem de mão logo abaixo dela. Logo depois ele aparece em um plano médio conversando em língua de sinais com outro homem e, em seguida, o filme fica em silêncio, mostrando uma sequência do ponto de vista da surdez do personagem. O cavaleiro surdo é jovem, bonito, mas com “cara de poucos amigos”. Ao mesmo tempo em que se apresenta com o arquétipo do herói clássico, vestindo armadura reluzente, empunhando uma espada e em um cavalo branco, mostra uma personalidade de vilão.

No instante em que o cavaleiro surdo se afasta do grupo e encontra uma pepita de ouro nas margens do lago, surge a sereia que, com um “canto” que mais se assemelha a gritos

agudos, arrasta toda a comitiva para o fundo do lago. A expressão inicial dos homens ao ver a personagem feminina é de espanto e desejo, mas logo são levados para o trágico fim. É uma cena de uma beleza ímpar porque é representada através de movimentos de dança: tanto a sereia que se movimenta de maneira voluptuosa ao cantar, quanto os homens que são arrastados movimentando-se como se estivessem dançando e lutando ao mesmo tempo. O único que é salvo deste canto mortal é justamente o cavaleiro surdo. Ele observa toda a cena com expressão de surpresa e medo, sem entender o que está acontecendo.



Figura 3 Print de tela do filme Fazendeiro - Comitiva de cavaleiros e clérigos começam a escutar o canto da sereia

Neste momento da narrativa surgem algumas problemáticas relativas às interseções entre cultura, consciência mítica e religião, que podem ser trabalhadas com os alunos. Temas históricos também podem ser abordados.



Figura 4 Print de tela do filme Fazendeiro - Sereia no momento em que canta e dança para arrastar os homens para o fundo do lago

Ao observar a cena em que todos os homens são arrastados para o fundo do lago, o cavaleiro surdo tenta fugir, mas não consegue porque bate a cabeça em uma árvore e desmaia. A sereia, por sua vez, também não entende o que está acontecendo e a perplexidade diante

da impossibilidade de arrastar este homem para o fundo do lago com o seu canto transforma-se em curiosidade e, logo depois, em desejo por ele. Ao observar o cavaleiro surdo dormindo próximo ao lago durante a noite, ela vai ao seu encontro e realiza uma dança sensual em volta do seu corpo inerte. Ao acordar e perceber a presença dela, eles iniciam outra dança: ela, fugindo e ao mesmo tempo o seduzindo, e ele, indo atrás dela com o objetivo de roubar as joias que adornam o seu corpo. Em seu olhar, as expressões de medo, repulsa e ambição são evidentes.



Figura 5 Print de tela do filme Fazendeiro - Cavaleiro surdo e sereia juntos

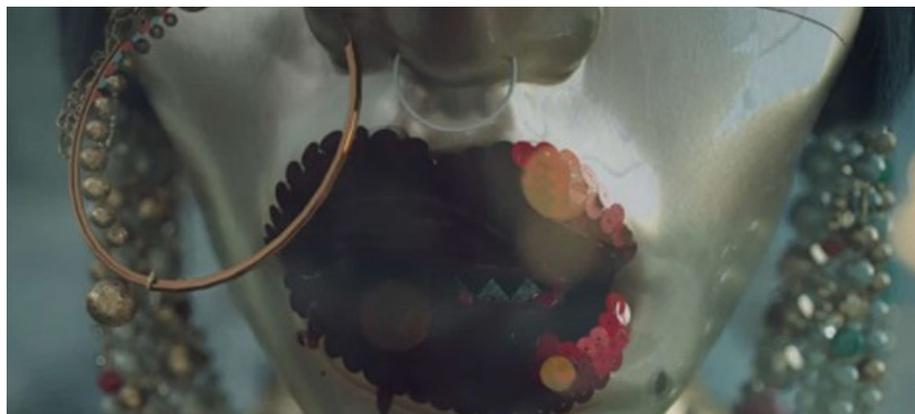


Figura 6 - Print de tela do filme Fazendeiro - Plano detalhe da boca da sereia após beijar o cavaleiro surdo

Quando finalmente se encontram, a sereia beija o cavaleiro, mas tal beijo o machuca. Nesta cena fica ainda mais evidente a condição da figura mitológica da sereia: apesar de representada por uma bela e sensual figura feminina, ela é um monstro. Inicia-se então uma luta em que ele acaba conseguindo dominá-la, fazendo-a desmaiar depois de ser agredida. As cenas que se seguem são chocantes: com expressões bestiais, o cavaleiro surdo arranca todas as joias da sereia, deixando-a “nua” e ensanguentada. Por fim, joga o seu corpo inerte na água, afundando-o. Em nossa opinião, toda a sequência do filme que se inicia com a constatação do desejo da sereia pelo cavaleiro até o momento final em que ela é agredida e roubada por ele pode ser um excelente instrumento para iniciar junto aos alunos o importante e urgente

debate sobre a questão da violência contra as mulheres.

As cenas seguintes também podem ser utilizadas para iniciar uma rica discussão acerca da relação dos seres humanos com o meio ambiente na atualidade: ao “receber” o corpo vilipendiado e inerte da sereia, a natureza se revolta. As águas azuis e calmas da lagoa tornam-se vermelhas como sangue e são tomadas por um volume e força que atinge o cavaleiro em fuga, lançando nele a “maldição” da audição. Ao começar a ouvir os sons da natureza, o cavaleiro parece enlouquecer, tomado por um comportamento desesperado de alguém que não é capaz de suportar a nova condição. O que alunas e alunos surdos opinariam sobre esta situação? Poderíamos relacionar a falta de audição do personagem à ideia de *deaf gain*, desenvolvida pelos Estudos Surdos? Ou ainda relacionar com a questão que é colocada na comunidade surda sobre os benefícios e prejuízos do implante coclear?

Por fim, a sereia ressurgiu viva da água, porém completamente destruída e envergonhada. Agora o seu canto desesperado são gritos de dor, um lamento melancólico por toda a situação vivida. E mesmo sem forças, ela consegue finalmente arrastá-lo para o fundo da lagoa, como fez com todos os outros homens.

A experiência de exibição deste curta em três turmas do 1º ano do Ensino Médio do Cap/INES aconteceu no primeiro semestre do ano letivo de 2023, quando trabalhávamos o conteúdo “Consciência Mítica”, nas aulas de Filosofia. No entanto, como já falamos anteriormente, apresentar a personagem mítica sereia através da exibição de um filme foi apenas um pretexto para inserir no processo de ensino-aprendizagem outros temas que julgamos importantes do contexto da educação escolar, bem como para estimular a familiaridade dos alunos com a linguagem cinematográfica. Como também já falamos, levar em conta a importância da visualidade é um processo que atravessa diretamente a ideia de *deaf gain* no que diz respeito a uma experiência pedagógica que valoriza e estimula as habilidades das pessoas surdas.

Em um primeiro momento, perguntamos aos alunos, sempre em Libras, se eles sabiam o que é uma sereia. Apesar de a maioria ter respondido que sim, começamos a aula contando a narrativa presente na obra *Odisseia*⁷, de Homero (1976). Também utilizamos a internet para buscar e compartilhar imagens relacionadas ao que estávamos discutindo, inclusive para fazer a oposição entre a figura mitológica grega da sereia e a representação profundamente transformada pelo conto infantil de Hans Christian Andersen, presente no imaginário popular nos dias de hoje: a de uma bela jovem, com corpo de peixe da cintura para baixo, que anseia ter pernas e poder viver entre os seres humanos. A palavra sereia, em português, vem do latim *syren*, ou “sirenas”, figura mitológica que na verdade era uma mulher-pássaro, com asas e garras. Segundo Nunes (2023), apenas a partir da Idade Média é que começou a ser representada com cauda de peixe porque as asas passaram a ser associadas a anjos e ao paraíso. No Canto XVII da *Odisseia* (1976, p. 144), Homero descreve o momento em que a deusa Circe instrui Ulisses sobre como passar pela região das sereias sem ser levado à destruição:

⁷ A *Odisseia* é um dos principais poemas épicos da Grécia Antiga, atribuída a Homero. A obra foi elaborada em séculos de tradição oral e teve a sua forma fixada por escrito por volta do século VIII a. C. O poema relata o regresso de Odisseu (ou Ulisses, em latim) da Guerra de Troia. Ele demorou dez anos para retornar para a sua terra natal, Ítaca, e nesse tempo viveu muitas aventuras: uma das mais importantes é quando, em alto mar, ele resolve ouvir o canto das sereias, mas sem correr o risco de ser devorado por elas. Para tanto, ele pede aos outros homens para taparem os ouvidos com cera e se amarra ao mastro do navio para não ser arrastado para a morte.

Hás de deparar-te primeiro com as sereias, cuja harmonia atormenta e fascina os que a escutam. Quem se aproxima delas, por ignorância, esposa e filhos não mais verá em seus doces lares. A vocal melodia o atrai aos prados, onde se acumulam ossos de humanos e podres carnes. Passe avante. As orelhas dos teus sócios com cera tapes; que ensurdeçam de todo. Ouvi-las tu podes, contanto que esteja atado de pés e mãos no mastro, e se, absorvido pelo prazer, ordenares que te soltem, que os companheiros amarrem-te com mais força.

Abaixo algumas imagens que ilustram a representação mitológica da sereia:



Figura 7 Vaso grego representando Odisseu e as sereias (Século V a. C.).
Acervo: Londres, Museu britânico



Figura 8 - *As sereias e Ulisses* (1825), de William Etty



Figura 9 – *Ulisses e as sirenas* (1891), de John William Waterhouse

O filme foi exibido para os alunos duas vezes seguidas, para que eles pudessem compreender com mais clareza a narrativa. Podemos afirmar que a obra foi recebida de forma bastante receptiva e serviu como ponto de partida para várias perguntas e comentários. Um dos alunos, por exemplo, associou a estética da sereia do filme com a personagem Iara, presente no folclore brasileiro. Segundo a narrativa conhecida por ele, esta sereia guardaria um pote de ouro no fundo dos rios e a morte de muitos homens por afogamento seria justificada através da existência dela, em regiões em que a lenda está presente. O cavaleiro surdo também gerou muito interesse por parte dos alunos e, apesar de ser apresentado como um vilão, gerou contentamento pela questão da representatividade. Alguns alunos relataram a dificuldade em encontrar personagens surdos em obras literárias ou audiovisuais. Colocamos, ainda, guiados pela cena em que o cavaleiro surdo é “punido” por tudo o que fez com a sereia e começa a ouvir pela primeira vez, algumas questões relacionadas à experiência do “voltar a ouvir” ou “ouvir pela primeira vez” após um implante coclear e pedimos a opinião dos alunos sobre o assunto: o debate foi acalorado e bem ilustrativo sobre o que representa esta questão entre a comunidade surda.

Por fim, levantamos a problemática da questão da violência sobre as mulheres e a mensagem do filme no que diz respeito à relação do ser humano com o meio ambiente. No que diz respeito ao primeiro ponto, muitos alunos fizeram comentários e perguntas sobre o significado das expressões “relação tóxica” e “relação abusiva”. Aproveitamos a oportunidade para explicar os diversos tipos de abuso que podem estar presentes em uma relação afetiva, entre os quais a violência física, sexual, psicológica, patrimonial e moral. Como já comentamos anteriormente, a cena em que o cavaleiro surdo agride a sereia é bastante chocante e não há como não provocar este tipo de reflexão. E em relação ao segundo ponto, também não faltaram exemplos de catástrofes climáticas que estão cada vez mais acontecendo atualmente para ilustrar o assunto. Todos os temas trabalhados puderam contar com auxílio de imagens e notícias facilmente encontradas em sites de busca na internet.

Para concluir, podemos afirmar que todo o processo aqui descrito promoveu entre todos, professoras, alunas e alunos, muito interesse, engajamento e boas reflexões. Desta forma, acreditamos que um curta de 17 minutos, uma obra de extraordinária beleza visual como o curta de animação *Fazendeiro*, pôde servir como suporte pedagógico para: 1) Potencializar

a experiência cinematográfica do olhar na educação escolar de pessoas surdas, em sintonia com as ideias do *deaf gain*; e 2) Ser utilizado como ponto de partida para a discussão e esclarecimentos sobre alguns temas de grande importância em nossa sociedade atual. Esses dois pontos contemplam em muitos aspectos a concepção de educação crítica e de qualidade para pessoas surdas que tanto desejamos.

Referências

- BAUMAN, H-D.; MURRAY, J. J. *Reframing: from hearing loss to Deaf Gain*. New York: Deaf Studies Digital Journal, 1. 2009.
- BAUMAN, H-D.; MURRAY, J. J. Deaf studies in the 21st century: deaf gain and the future of human diversity. In: NATHAN, P.; MARSCHARK, M.; SPENCER, P. E. *The Oxford handbook of deaf studies, language, and education*. New York: Oxford University Press, 2010, p. 113-142.
- BERGALA, A. A hipótese-cinema. *Pequeno tratado de transmissão do cinema dentro e fora da escola*. Rio de Janeiro: Booklink - CINEAD-LISE-FE/UFRJ, 2008.
- BUBANIK, F. P. *Cinema surdo: uma poética pós-fonocêntrica*, 2016, 117 f. Dissertação. (Mestrado em Ciências da Linguagem), Universidade do Sul de Santa Catarina, Palhoça.
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. 2.ed. Trad. de Miriam Chnaiderman e Renato J. Ribeiro. São Paulo: Perspectiva, 1999.
- DAVIS, L. J. Introduction: Normality, power and culture. In: DAVIS, Lennard J. *The disability studies reader*. Nova York: Routledge, 2013.
- DUARTE, R. *Cinema & educação*. 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- FAZENDEIRO, Alberto Mielgo. Netflix. EUA: 2022. [serviço online de streaming]. (17 minutos), colorido.
- FERNANDES, A. H. O cinema e as narrativas de crianças e jovens: reflexões iniciais. *Revista contemporânea de educação*, vol. 5, n. 10, p. 49-64, jul/dez 2010.
- HOMERO. *Odisseia*. Trad. Jaime Bruna. São Paulo: Editora Cultrix, 1976.
- LOPES, C. M.; VEIGA-NETO, A. Mercadores culturais surdos: quando eles se constituem no espaço escolar. *Revista Perspectiva*, Florianópolis, v. 24, n. Especial, p. 81-100, jul./dez., 2006.
- MARTINS, F. C. *Discursos e experiências de sujeitos surdos sobre audismo, deaf gain e surdismo*, 2013, 11 f. Dissertação. (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Pelotas, Pelotas.
- NUNES, P. O mito das sereias: origem e simbologias. *Fantástica Cultural*, 15 jun. 2023. Disponível em: <https://www.fantasticacultural.com.br/artigo/1111/o-mito-das-sereias-origens-e-simbologias>. Acesso em: 27 jul. 2023.
- PALEARI, G. A relação entre dança e animação em *Love Death and Robots*. *Portal MUD*, 2014. Disponível em: <https://portalmud.com.br/portal/ler/a-relacao-entre-danca-e-animacao-em-love-death-and-robots>. Acesso em: 25 jul. 2023.
- PORTOCARRERO, V. Instituição escolar e normalização em Foucault e Canguilhem. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, n. 29, p.169-185, jan/jun 2004.
- SEREIA. In: WIKIPEDIA, a enciclopédia livre. Flórida: Wikipedia Foundation, 2017. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sereia>. Acesso em: 25 jul. 2023.